

antônio damásio

o mistério
da
consciência

do corpo e das emoções
ao conhecimento de si

Tradução

LAURA TEIXEIRA MOTTA

Revisão técnica

LUIZ HENRIQUE MARTINS CASTRO

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1999 by Antônio Damásio

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

THE FEELING OF WHAT HAPPENS —

BODY AND EMOTION IN THE MAKING OF CONSCIOUSNESS

Capa

KIKO FARKAS E ANA LOBO/ MÁQUINA ESTÚDIO

Imagem de capa © Free Vintage Digital Stamps

Preparação

CARLOS ALBERTO INADA

Índice remissivo

VERBA EDITORIAL

Revisão

RENATO POTENZA RODRIGUES

VIVIAN MIWA MATSUSHITA

Revisão técnica

LUIZ HENRIQUE MARTINS CASTRO, neurologista (USP)
com especialização em neurologia do comportamento (Harvard)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damásio, Antônio

O mistério da consciência : do corpo e das emoções ao conhecimento de si / Antônio Damásio ; tradução Laura Teixeira Motta ; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness.
ISBN 978-85-359-2590-6

1. Consciência 2. Consciência — Aspectos psicológicos — Fisiológicos 3. Emoções — Aspectos psicológicos — Fisiológicos 4. Mente e corpo I. Título.

15-02731

CDD-153

Índice para catálogo sistemático:

1. Consciência : Processos mentais : Psicologia 153

2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PARTE 1 — INTRODUÇÃO 13

- 1. Sair à luz 15
- Sair à luz 15
- Ausente sem ter partido 17
- O problema da consciência 19
- Abordagem da consciência 22
 - Mente, comportamento e cérebro 22
 - Reflexão sobre dados neurológicos e neuropsicológicos 24
- A busca do self 27
- Por que precisamos da consciência 31
- O início da consciência 32
- Às voltas com o mistério 33
- Esconde-esconde 34

PARTE 2 — SENTIR E CONHECER 37

- 2. Emoção e sentimento 39
- Novamente sobre a emoção 39
 - Excurso histórico 41
- O cérebro conhece mais do que a mente consciente revela 44
 - Excurso: controlar o incontrolável 49
- O que são emoções? 50
- A função biológica das emoções 52
- Indução de emoções 55
 - A mecânica da emoção 57
 - Sem medo 59
 - Como tudo funciona 63
- Uma definição mais precisa de emoção: um excuro 66
- O substrato para a representação de emoções e sentimentos 72

3. A consciência central	74
O estudo da consciência	74
A música do comportamento e as manifestações externas da consciência	77
Estado de vigília	79
Atenção e comportamento intencional	80
O estudo da consciência por sua ausência	83
4. O vago sinal	93
Linguagem e consciência	93
Se você tivesse todo aquele dinheiro: comentário sobre linguagem e consciência	94
Memória e consciência	97
Nada vem à mente	97
A consciência de David	100
Juntando alguns fatos	104
O vago sinal	107

PARTE 3 — BIOLOGIA DO CONHECIMENTO 111

5. O organismo e o objeto	113
O corpo como sustentáculo do self	113
A necessidade de estabilidade	114
O meio interno como precursor do self	114
Algo mais sobre o meio interno	115
Ao microscópio	116
A gestão da vida	117
Por que as representações do corpo são bons indicadores da estabilidade?	119
Um corpo, uma pessoa: as raízes da singularidade do self	120
A invariância do organismo e a impermanência da permanência	121
As raízes da perspectiva individual, da propriedade e da condição de agente	122
O mapeamento dos sinais do corpo	125
O self neural	129
Estruturas cerebrais necessárias para implementar o proto-self	130
Estruturas cerebrais que <i>não</i> são necessárias para implementar o proto-self	131
Algo a ser conhecido	133
Nota sobre os distúrbios do algo a ser conhecido	134
Deve ser eu, pois estou aqui	135
6. A produção da consciência central	140
O nascimento da consciência	140
Você é a música enquanto ela dura: o self central transitório	142
Além do self central transitório: o self autobiográfico	143

Montagem da consciência central 146
A necessidade de um padrão neural de segunda ordem 146
 Onde está o padrão neural de segunda ordem? 148
As imagens do conhecimento 150
Consciência de objetos percebidos e de percepções passadas evocadas 151
A natureza não verbal da consciência central 152
A naturalidade da narrativa sem palavras 155
Uma última palavra sobre o homúnculo 156
Um inventário 158

7. A consciência ampliada 161
A consciência ampliada 161
 Avaliação da consciência ampliada 165
Distúrbios da consciência ampliada 166
 Amnésia global transitória 166
 Anosognosia 172
 Assomatognosia 175
O transitório e o permanente 177
A base neuroanatômica do self autobiográfico 179
Self autobiográfico, identidade e individualidade 181
O self autobiográfico e o inconsciente 184
O self da natureza e o self da cultura 186
Além da consciência ampliada 187

8. A neurologia da consciência 191
Avaliação da afirmação nº 1: fundamentos para um papel das estruturas do
 proto-self na consciência 192
 Parece sono 192
 Pode parecer coma 196
 Reflexão sobre os correlatos neurais do coma e do estado vegetativo
 persistente 199
 A formação reticular ontem e hoje 201
 Um mistério discreto 204
 A anatomia do proto-self da perspectiva de experimentos clássicos 207
 Conciliando fatos e interpretações 208
Avaliação da afirmação nº 2: fundamentos para um papel das estruturas de
 segunda ordem na consciência 211
Avaliação das outras afirmações 215
Conclusões 218
 Uma notável imbricação de funções 220
 Um novo contexto para a formação reticular e o tálamo 221
 Um fato que vai contra a intuição? 222

9. Sentindo os sentimentos 225

Sentindo os sentimentos 225

O substrato dos sentimentos de emoção 226

Da emoção ao sentimento consciente 228

Para que servem os sentimentos? 229

Nota sobre os sentimentos de fundo 230

A relação obrigatória dos sentimentos com o corpo 231

Emoção e sentimento após transecção da medula espinhal 232

Dados provenientes da secção do nervo vago e da medula espinhal 234

Lições da síndrome do encarceramento 235

A emoção ensina com a ajuda do corpo 237

10. Usando a consciência 238

A inconsciência e seus limites 238

Os méritos da consciência 243

Algum dia experimentaremos a consciência de outra pessoa? 244

Qual a posição da consciência no grande esquema? 248

11. Sob a luz 250

Por meio do sentimento e por meio da luz 250

Sob a luz 252

APÊNDICE — NOTAS SOBRE MENTE E CÉREBRO 255

Um pequeno glossário 255

O que é uma imagem e o que é um padrão neural? 255

As imagens não são apenas visuais 255

Construindo imagens 256

Representações 257

Mapas 258

Mistérios e lacunas do conhecimento sobre a formação das imagens 259

Novos termos 260

Algumas indicações sobre a anatomia do sistema nervoso 260

Os sistemas cerebrais subjacentes à mente 267

Notas 271

Agradecimentos 293

Índice remissivo 295

Sobre o autor 307

PARTE 1

Introdução

1. Sair à luz

SAIR À LUZ

Sempre me fascina o momento exato em que, da plateia, vemos abrir-se a porta que dá para o palco e um artista sair à luz; ou, de outra perspectiva, o momento em que um artista que aguarda na penumbra vê a mesma porta abrir-se, revelando as luzes, o palco e a plateia.

Percebi há alguns anos que o poder que esse momento tem de nos emocionar, de qualquer ponto de vista que o examinemos, nasce do fato de ele personificar um instante de nascimento, uma passagem de um limiar que separa um abrigo seguro mas limitador das possibilidades e dos riscos de um mundo mais amplo à frente. Porém, enquanto me preparo para redigir a introdução deste livro, refletindo sobre o que escrevi, tenho a intuição de que sair à luz é também uma eloquente metáfora para a consciência, para o nascimento da mente conhecedora, para a simples mas decisiva chegada do sentido do self* ao mundo mental. Como saímos à luz da consciência é justamente o tema deste livro. Escrevo sobre o sentido do self e sobre a transição da inocência e da ignorância para o conhecimento e o autointeresse. Meu objetivo específico é examinar as circunstâncias biológicas que permitem essa transição crítica.

Nenhum aspecto da mente humana é fácil de investigar, e, para quem deseja compreender os alicerces biológicos da mente, a consciência é unanimemente considerada o problema supremo, ainda que a definição desse problema possa variar notavelmente entre os estudiosos. Se elucidar a mente é a última fronteira das ciências da vida, a consciência muitas vezes se afigura como o mistério final na elucidação da mente. Há quem o considere insolúvel.

Entretanto, é difícil conceber um desafio mais sedutor para a reflexão e a

* Em português (e nas línguas neolatinas) não existe uma palavra que traduza com exatidão o conceito de self apresentado no livro. Como explicado no capítulo 7, os pronomes reflexivos não são bons equivalentes nessas línguas e, tampouco, os pronomes pessoais *eu*, *mim* ou *me*. Por sugestão do autor, manteve-se na tradução a expressão em inglês. (N. R. T.)

investigação. A questão da mente em geral e da consciência em particular permite aos humanos dar vazão ao desejo de compreender e ao apetite por admirar-se com sua própria natureza, que segundo Aristóteles é o que distingue os seres humanos. O que poderia ser mais difícil de conhecer do que conhecer o modo como conhecemos? O que poderia ser mais deslumbrante do que perceber que é o fato de termos consciência que torna possíveis e mesmo inevitáveis nossas questões sobre a consciência?

Embora eu não veja a consciência como o ápice da evolução biológica, penso que é um momento decisivo na longa história da vida. Mesmo quando recorremos à simples e clássica definição de consciência encontrada nos dicionários — que a apresenta como a percepção que um organismo tem de si mesmo e do que o cerca —, é fácil imaginar como a consciência provavelmente abriu caminho, na evolução humana, para um novo gênero de criações, impossível sem ela: consciência moral,* religião, organização social e política, artes, ciências e tecnologia. De um modo ainda mais imperioso, talvez a consciência seja a função biológica crítica que nos permite saber que estamos sentindo tristeza ou alegria, sofrimento ou prazer, vergonha ou orgulho, pesar por um amor que se foi ou por uma vida que se perdeu. O *páthos*, individualmente vivenciado ou observado, é um subproduto da consciência, tanto quanto o desejo. Jamais teríamos conhecimento de nenhum desses estados pessoais sem a consciência. Não culpe Eva por conhecer; culpe a consciência, e agradeça a ela.

Escrevo estas palavras no centro comercial de Estocolmo, enquanto observo pela janela um velhinho frágil andando em direção à balsa que está para partir. O tempo urge, mas ele anda devagar; a dor artrítica nos tornozelos faz seus passos vacilantes; ele tem cabelos brancos e usa um casaco puído. Chove sem parar, ele se verga ao vento como uma árvore solitária em campo aberto. Por fim ele alcança a balsa. Sobe com dificuldade o degrau alto da plataforma de embarque e começa a caminhar pelo convés, com receio de desequilibrar-se no declive; move a cabeça de um lado para o outro, rapidamente, examinando o local, procurando tranquilizar-se. Seu corpo inteiro parece perguntar: “É isso mesmo? Estou no lugar certo? E agora, para onde devo ir?”. E então os dois homens no convés ajudam-no a firmar o passo, com gestos afáveis mostram-lhe a entrada da cabine, e ele parece estar em segurança onde deveria. Deixo de me preocupar. A balsa parte.

Agora, um devaneio e uma reflexão: sem consciência, o velho de modo algum saberia de sua aflição, talvez humilhação. Sem consciência, os dois homens no convés não teriam reagido com empatia. Sem consciência, eu não teria me preocupado e nunca teria pensado que um dia poderei estar na mesma situação

* Em português emprega-se *consciência* para traduzir tanto *consciousness* como *conscience*. Vendo à clareza, *conscience* está sendo traduzido neste livro como “consciência moral”, significando a faculdade de distinguir entre bem e mal, da qual resulta o sentimento do dever e a aprovação ou o remorso pela prática de atos aconselhados ou desaconselhados pelo juízo moral. (N. T.)

que ele, andando com a mesma hesitação dolorosa e sentindo o mesmo desconforto. A consciência amplifica o impacto desses sentimentos na mente dos personagens desta cena.

A consciência, de fato, é a chave para que se coloque sob escrutínio uma vida, seja isso bom ou mau; é o bilhete de ingresso, nossa iniciação em saber tudo sobre fome, sede, sexo, lágrimas, riso, prazer, intuição, o fluxo de imagens que denominamos pensamento, os sentimentos, as palavras, as histórias, as crenças, a música e a poesia, a felicidade e o êxtase. Em seu nível mais simples e mais elementar, a consciência permite-nos reconhecer um impulso irresistível para permanecer vivos e cultivar o interesse pelo self. Em seu nível mais complexo e elaborado, a consciência ajuda-nos a cultivar um interesse por outras pessoas e a aperfeiçoar a arte de viver.

AUSENTE SEM TER PARTIDO

Há 32 anos, um homem estava sentado diante de mim em uma sala estranha, totalmente circular, pintada de cinza. O sol da tarde entrava pela claraboia e nos iluminava enquanto conversávamos. De repente, o homem parou no meio de uma sentença e seu rosto empalideceu; a boca paralisou-se ainda aberta, os olhos fixaram-se no vazio, em algum ponto da parede atrás de mim. Por alguns segundos, ele permaneceu imóvel. Chamei-o pelo nome, mas ele não respondeu. Depois começou a fazer alguns movimentos breves: estalou os lábios, o olhar dirigiu-se para a mesa que havia entre nós, ele pareceu enxergar uma xícara de café e um vasinho de metal com flores; decerto enxergou, pois pegou a xícara e bebeu. Falei novamente com ele, e mais uma vez não houve resposta. Ele tocou no vaso. Perguntei-lhe o que estava acontecendo, ele não respondeu, seu rosto era inexpressivo. Não olhava para mim. Então ele se levantou. Fiquei apreensivo, não sabia o que poderia acontecer. Chamei-o pelo nome, ele não respondeu. Quando aquilo acabaria? Ele se virou e andou devagar em direção à porta. Levantei-me e tornei a chamá-lo. Ele parou, olhou para mim, seu rosto readquiriu certa expressividade — parecia perplexo. Chamei-o novamente, e ele disse: “Sim?”.

Por um breve período, que me pareceu uma eternidade, aquele homem sofreu um comprometimento da consciência. Neurologicamente falando, ele teve uma crise de ausência seguida por automatismos associados à crise de ausência, duas dentre as diversas manifestações da epilepsia, uma doença causada por disfunção cerebral. Aquela não foi a primeira vez que presenciei um caso de comprometimento da consciência, mas foi a mais intrigante até então. Eu sabia por experiência própria como era dissolver-se numa inconsciência involuntária e recobrar a consciência — quando criança, fiquei inconsciente uma vez, depois de um acidente, e na adolescência fui submetido a uma anestesia geral. Também vira pacientes em coma e observara, da perspectiva de terceira pessoa, como o

estado de inconsciência se manifestava. Em todos esses casos, porém, como ocorre quando adormecemos ou acordamos, a perda de consciência é radical, lembrando uma interrupção total da energia elétrica. Mas o que eu acabara de ver aquela tarde na sala cinzenta e circular era muito mais espantoso. O homem não desabara no chão em estado de coma nem adormecera. Ele ao mesmo tempo estava ali e não estava, sem dúvida desperto, parcialmente atento, agindo, fisicamente presente mas pessoalmente desaparecido, ausente sem ter partido.

O episódio ficou em minha mente, e lembro-me do dia em que fui capaz de interpretar seu significado. Na época não pensei, mas penso agora ter presenciado uma transição muito abrupta entre uma mente plenamente consciente e uma mente privada do sentido do self. Durante o período de comprometimento da consciência desse homem, seu estado de vigília,* sua capacidade básica de atentar para os objetos e de orientar-se no espaço esteve preservada. Provavelmente a essência de seu processo mental foi mantida, no que diz respeito aos objetos que o cercavam, mas seu sentido do self e do conhecimento foi suspenso. É possível que minha noção da consciência tenha começado a tomar forma nesse dia, sem que me desse conta disso, e a ideia de que um sentido do self era uma parte indispensável da mente consciente só se firmou à medida que fui encontrando casos comparáveis.

O tema da consciência continuou a interessar-me no decorrer dos anos. Sentia-me ao mesmo tempo atraído pelo desafio científico apresentado pela consciência e repellido pelas consequências humanas de seu comprometimento nas doenças neurológicas; no entanto, mantive certa distância. O drama das situações em que o dano cerebral causa o estado de coma ou um estado vegetativo persistente — condições em que a consciência é comprometida mais radicalmente — era algo que eu, podendo escolher, preferiria não observar. Poucas coisas são tão tristes quanto ver o súbito e forçado desaparecimento da mente consciente em alguém que ainda vive, e poucas coisas são tão dolorosas de explicar a uma família. Como é que se olha alguém dentro dos olhos e se diz que o estado imóvel do companheiro de toda uma vida pode parecer sono mas não é, que não há nada de benéfico ou restaurador naquela inatividade, que o ser antes capaz de sentir pode nunca mais recuperar essa capacidade? Porém, mesmo se minha experiência como neurologista não me levasse a querer manter-me distante da consciência, como neurocientista eu poderia não me dedicar ao problema. Estudar a consciência não era absolutamente uma coisa aconselhável antes de conseguir a efetivação na universidade, e, mesmo depois de consegui-la, dedicar-se a essa área era visto com desconfiança. Apenas em anos recentes a consciência tornou-se um tema de investigação científica um pouco mais seguro.¹

Mesmo assim, a razão pela qual afinal resolvi ocupar-me desse tema nada

* O termo *vigília* está sendo usado neste livro como tradução para *wakefulness*, indicando o estado desperto, ou seja, acordado; não se refere ao uso corriqueiro de *vigília* como “insônia” ou “o estado de quem vela durante a noite, privando-se do sono”. (N. T.)

teve a ver com a sociologia dos estudos da consciência. Eu certamente não havia planejado estudar a consciência antes que um impasse me forçasse a fazê-lo. Esse impasse resultava de meu trabalho sobre as emoções, e isso quer dizer que posso culpar as paixões da alma pelas consequências.²

Portanto, este é o quadro. Eu compreendia razoavelmente bem como diferentes emoções eram induzidas no cérebro e representadas no teatro do corpo. Também podia imaginar como a indução de emoções e as consequentes alterações físicas que em grande medida constituem um estado emocional eram sinalizadas em várias estruturas cerebrais apropriadas para mapear essas alterações, constituindo, assim, o substrato para o sentimento de uma emoção. Mas não conseguia entender como o organismo portador da emoção podia *tornar-se ciente* daquele substrato cerebral do sentimento. Não conseguia conceber uma explicação satisfatória para como isso que nós, criaturas conscientes, denominamos sentimentos torna-se conhecido pelo organismo que sente. Por meio de que mecanismo adicional tomamos conhecimento de que um sentimento está ocorrendo dentro dos limites de nosso organismo? O que mais acontece no organismo e, especialmente, o que mais acontece no cérebro quando tomamos conhecimento de que estamos sentindo uma emoção, uma dor, ou, na verdade, quando tomamos conhecimento de qualquer coisa? Defrontara-me com o obstáculo da consciência. Especificamente, com o obstáculo do self, pois algo como um sentido do self era necessário para produzir os sinais que levam um organismo a ter o conhecimento de que está sentindo uma emoção.

Eu percebia que superar o obstáculo do self, o que do meu ponto de vista significava compreender suas bases neurais, poderia nos ajudar a entender o impacto biológico muito diferente de três fenômenos distintos mas estreitamente relacionados: *ter uma emoção*, *sentir essa emoção* e *tomar conhecimento de que estamos sentindo essa emoção*. Não menos importante, superar o obstáculo do self também poderia contribuir para elucidar as bases neurais da consciência em geral.

O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

Qual é, então, o problema da consciência da perspectiva da neurobiologia? Por mais que se veja a questão do self como crucial para a elucidação da consciência, é importante deixar claro que o problema da consciência não se limita à questão do self. Resumindo da maneira mais simples possível: considero o problema da consciência uma combinação de dois problemas intimamente relacionados. O primeiro é entender como o cérebro no organismo humano engendra os padrões mentais que denominamos, por falta de um termo melhor, as imagens de um objeto. *Objeto* designa aqui entidades tão diversas quanto uma pessoa, um lugar, uma melodia, uma dor de dente, um estado de êxtase; *imagem* designa um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como, por exemplo, uma ima-

gem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar. Essas imagens comunicam aspectos das características físicas do objeto e podem comunicar também a reação de gostar ou não gostar que podemos ter em relação a um objeto, os planos referentes a ele que podemos ter ou a rede de relações desse objeto em meio a outros objetos. Falando de um modo mais direto, esse primeiro problema da consciência é o problema de como obtemos um “filme no cérebro”, devendo-se entender, nessa metáfora tosca, que o filme tem tantas trilhas sensoriais quantos são os portais sensoriais de nosso sistema nervoso — visão, audição, paladar, olfato, tato, sensações viscerais etc. (Ver no glossário em apêndice um comentário sobre o emprego de termos como *imagem*, *representação* e *mapa*.)

Da perspectiva da neurobiologia, resolver esse primeiro problema é descobrir como o cérebro produz padrões neurais em seus circuitos de células nervosas e como ele consegue converter esses padrões neurais nos padrões mentais explícitos que constituem o nível mais elevado de fenômeno biológico, o qual designo por imagens. A resolução desse problema requer, necessariamente, que se aborde a questão filosófica dos *qualia*. Definimos como *qualia* as qualidades sensoriais simples encontradas no azul do céu ou no tom do som produzido por um violoncelo, e os componentes fundamentais das imagens na metáfora do filme são, portanto, feitos de *qualia*. Acredito que essas qualidades serão um dia explicadas pela neurobiologia, embora neste momento a explicação neurobiológica seja incompleta e lacunar.³

Vejam agora o segundo problema da consciência. Como, paralelamente ao engendramento de padrões mentais para um objeto, o cérebro também engendra um sentido do self no ato de conhecer? Para ajudar-me a esclarecer o que quero dizer com *self* e *conhecer*, peço que cada um verifique a presença, neste exato momento, desses elementos em sua própria mente.

Você está olhando para esta página, lendo o texto e construindo o significado de minhas palavras à medida que lê. Mas a atenção dada ao texto e ao significado não descreve tudo o que se passa em sua mente. Enquanto representa as palavras impressas e exibe o conhecimento conceitual necessário para entender o que escrevi, sua mente também exibe, ao mesmo tempo, mais alguma coisa, algo suficiente para indicar, a cada momento, que é *você*, e não outra pessoa, quem está lendo e entendendo o texto. As imagens sensoriais do que você percebe externamente e as imagens relacionadas que você evoca ocupam a maior parte do campo de ação de sua mente, mas não totalmente. Além dessas imagens existe também essa outra presença que significa você, como observador das coisas imagéticas, como agente potencial sobre as coisas imagéticas. Existe a presença de você em uma relação específica com algum objeto. Se não houvesse essa presença, como seus pensamentos lhe pertenceriam? Quem poderia dizer que eles lhe pertencem? A presença é quieta e sutil e, às vezes, é pouco mais do que um “sinal vagamente pressentido”, uma “dádiva vagamente entendida”, usando aqui as palavras de T. S. Eliot. Mais adiante, procurarei mostrar que a forma mais simples dessa presença também é uma imagem; de fato, o tipo de imagem

que constitui um sentimento. Dessa perspectiva, a presença de você é o sentimento do que acontece quando seu ser é modificado pelas ações de apreender alguma coisa. Essa presença nunca se afasta, do momento em que você desperta até o momento em que seu sono começa. Ela tem de estar presente, caso contrário você não existe.

A solução desse segundo problema requer que se entenda como, enquanto escrevo, tenho um senso de mim, e como, enquanto lê, você tem um senso de si; como nos damos conta de que o conhecimento particular que você e eu contemplamos em nossa mente, neste exato momento, é moldado de uma perspectiva específica, a do indivíduo dentro do qual esse conhecimento se forma, e não de uma perspectiva canônica de tipo único para todos. A solução também requer que se compreenda como as imagens de um objeto e da complexa matriz de relações, reações e planos ligados a ele são percebidas como a inconfundível propriedade mental de um proprietário que, para todos os efeitos, é quem automaticamente observa, percebe, toma conhecimento, pensa e potencialmente age. Esse segundo problema é ainda mais intrigante pelo fato de podermos com certeza dizer que a solução tradicionalmente proposta para ele — um homúnculo incumbido de conhecer — é patentemente incorreta. Não existe um homúnculo, metafísico ou no cérebro, sentado no teatro cartesiano como um espectador único, esperando que os objetos saiam à luz.⁴ Em outras palavras, resolver o segundo problema da consciência consiste em descobrir os alicerces biológicos da curiosa capacidade que nós, humanos, possuímos de construir não só os padrões mentais de um objeto — as imagens de pessoas, lugares, melodias e de suas relações; em suma, as imagens mentais, integradas no tempo e no espaço, de algo a ser conhecido —, mas também os padrões mentais que transmitem, de maneira automática e natural, o sentido de um self no ato de conhecer. A consciência, como usualmente a concebemos, de seus níveis elementares aos mais complexos, é o padrão mental unificado que reúne o objeto e o self.

No mínimo, portanto, a neurobiologia da consciência defronta-se com dois problemas: como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme. Esses dois problemas são tão intimamente relacionados que o segundo se aninha dentro do primeiro. Com efeito, o segundo problema é o de gerar o *aparecimento* de um proprietário e observador para o filme *dentro do filme*; e os mecanismos fisiológicos por trás do segundo problema influenciam os mecanismos por trás do primeiro. Contudo, apesar da estreita relação entre os dois problemas, separá-los é um modo de dividir em partes o problema da consciência e, ao fazê-lo, tornar exequível a investigação global da consciência.⁵

Este livro representa uma tentativa de lidar com o obstáculo da consciência enfocando diretamente o problema do self, porém sem negligenciar nem minimizar o “outro” problema da consciência. Essa tentativa foi motivada pelo já mencionado impasse sobre as emoções, mas não se limitou a abordar essa questão específica. Este livro expõe minha ideia do que é a consciência, em termos

mentais, e de como a consciência pode ser construída no cérebro humano. Não tenho a pretensão de ter solucionado o problema da consciência e, no estágio atual da história da ciência cognitiva e da neurociência, apesar de as contribuições recentes serem numerosas e substanciais, vejo com certo ceticismo a ideia de resolver o problema da consciência. Espero simplesmente que as ideias aqui apresentadas contribuam para que por fim se elucide o problema do self de uma perspectiva biológica.⁶

O texto baseia-se em um programa de pesquisa em andamento que segue diversas linhas de investigação — reflexão sobre fatos coligidos ao longo de muitos anos de observação de pacientes neurológicos com distúrbios da mente e do comportamento e sobre descobertas provenientes de estudos neuropsicológicos experimentais desses distúrbios; teorização sobre os processos da consciência como eles ocorrem na condição humana normal, usando dados da biologia geral, da neuroanatomia e da neurofisiologia; elaboração, com base em reflexões e em teorias, de hipóteses sobre os fundamentos neuroanatômicos da consciência que possam ser testadas.

^